UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS
CURSO DE HISTÓRIA

MATHEUS TREVIZAN REMIGIO

A FORMAÇÃO INICIAL DOS ANNALES

Sorocaba/SP
2022

MATHEUS TREVIZAN REMIGIO

A FORMAÇÃO INICIAL DOS ANALLES

Trabalho de Conclusão de curso, apresentado como exigência parcial, para obtenção do Diploma de graduação em História, da Universidade de Sorocaba.

Orientador: Prof. Dr. Walter Cruz Swensson Junior

Sorocaba/SP
2022

MATHEUS TREVIZAN REMIGIO

A FORMAÇÃO INICIAL DOS ANALLES

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do Diploma de Graduação em Direito, da Universidade de Sorocaba.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos Leonardo Tsuyoshi Hashida e Pedro Antonio Pinto pelas longas conversas que tivemos sobre os Annales e reflexões históricas. A minha namorada, Victória Caroline da Silva, por me incentivar na finalização deste TCC. A minha mãe, Thais Trevizan, por sempre me apoiar nas minhas decisões. E ao meu professor Walter Cruz Swensson Junior pela disposição de ajudar nas minhas dúvidas referentes ao TCC.

Dedico...
A Marc Bloch, um grande historiador,
mas acima de tudo, um homem
disposto a lutar por suas ideias.

RESUMO

Este trabalho busca desenvolver algumas considerações sobre a formação inicial da Escola dos Annales, dirigindo um olhar para o contexto histórico em que estavam inseridos, com as principais contribuições metodológicas para a reflexão historiográfica propostas pelos seus fundadores, Lucien Febvre e Marc Bloch. Em um primeiro momento traçamos um panorama geral das contribuições epistemológicas para o saber histórico proposta pelos Annales. Buscamos analisar a vida e os pensamentos de Febvre e Bloch com um enfoque em suas obras e a maneira que tendiam a adotar os novos métodos de análise histórica em suas produções intelectuais, abrindo um novo caminho para a reflexão histórica que marcaria o século XX, mostrando quais foram as novidades apresentadas pela Escola dos Annales que ainda persistem atualmente.

Palavras-chave: Escola dos Annales. Metodologia. Reflexão historiográfica.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO 9
2. A FORMAÇÃO ANTES DOS ANNALES.....11
3. PRINCIPAIS ABORDAGNES DOS ANNALES 15
3.1 A HISTÓRIA PROBLEMA 15
3.2 O FATO HISTÓRICO COMO CONSTRUÇÃO 16
3.3 O NOVO CONCEITO DE FONTE HISTÓRICA 16
3.4 A HISTÓRIA TOTAL OU GLOBAL 17
3.5 A INTERDISCIPLINARIEDADE.....18
4. LUCIAN FEBVRE – UM COMBATENTE DA HISTÓRIA 19
5. MARC BLOCH – UM "BOM FRANCÊS" 26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....35

INTRODUÇÃO

Poucos nomes foram tão conhecidos nas faculdades de História como os de Lucien Febvre ou Marc Bloch, o modo de conceber a reflexão histórica não foram os mesmos depois da criação dos Annales. Quem ousa exercer a profissão de historiador e nunca leu o clássico “A apologia da História” não está trilhando por bons caminhos.

É impossível um estudante de história que passe pela graduação de história sem ouvir falar da Escola dos Annales. A influência deste movimento da historiografia francesa ganhou tanto destaque que hoje é impossível não notar a sua presença. Assim como não há Sociologia sem o estudo de Durkein, Weber e Marx. Assim podemos dizer o mesmo sobre a História e os Annales. Até os seus opositores não podem negar a sua importância no desenvolvimento dos estudos históricos, seja um historiador de vertente marxista, história cultural, micro-história, entre tantas outras, não há como se aprofundar na construção do saber histórico sem mencionar os Annales.

O objetivo deste trabalho consiste num aprofundamento da formação da Escola dos Annales. Buscando compreender mais a fundo como se deu a origem, quais os fatores que contribuíram para um desenvolvimento, quais os grandes diferenciais que eles propuseram para o conhecimento histórico em relação aos seus antecessores, como atuaram na conquista de espaço no meio acadêmico. Como o contexto histórico em que estavam inseridos contribuiu para a formação de pensamento de ambos os fundadores, mesmo na particularidade de cada um e procuramos analisar as respectivas vidas e produções intelectuais de Febvre e Bloch em meio aos novos métodos de análise que desenvolveram.

Antes de adentramos neste movimento, ou escola[1], precisamos ampliar o nosso grau de observação. Para tanto, faremos a utilização de um conceito filosófico desenvolvido por Ortega y Gasset: a circunstância. Segundo o nosso filósofo espanhol, “a reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem” (ORTEGA Y GASSET, 2019, p.31), porém, devemos sempre buscar

[1] Para um aprofundamento maior sobre a discussão sobre os Annales serem uma escola ou movimento, consultar o livro do José Assunção de Barros, Teoria da História – Volume V: A Escola dos Annales e a Nova História

compreender a nossa circunstância, buscar entender o que ela tem de limitação, de peculiar, em referência a perspectiva do mundo. O homem só pode ser entendido plenamente para Ortega, quando este entende a realidade circunstante, como uma forma complementar a própria pessoa, somente assim, podemos integrar plenamente o homem (ORTEGA Y GASSET, 2019). Disso que resulta o famoso aforismo “eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo não me salvo eu”. (ORTEGA Y GASSET, 2019, p.32) Aprofundando o conceito de circunstância, podemos entendê-la como, tudo o que rodeia o eu – a nossa realidade, a corporalidade, a vida psíquica, a cultura em que se está inserido, incluindo também as experiências acumuladas ao longo do tempo.

Tendo explicado a concepção orteguiana de circunstância, como algo que constitui o próprio homem na sua essência, buscaremos analisar os Annales na mesma perspectiva. Não há como entender o homem sem observar o que o circunda, assim, faz-se mister, entender os Annales por essa ótica, tanto de seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, como do contexto histórico em que estavam inseridos. Quais às ideias presentes no início do século XX? Como elas impactaram a pensamento histórico na formulação de uma nova abordagem? Qual a situação da França entre a 1° e 2° Guerra Mundial? Qual a situação do mundo nesta época? Como estas circunstâncias agiram sobre às figuras de Bloch e Febvre numa nova ótica sobre o problema da história? Quais os novos métodos adotados por eles? Assim como postulou Febvre, “é que por um problema é precisamente o começo e o fim de toda a história. Se não há problemas, não há história.” (FEBVRE, 1995, p. 31)

A FORMAÇÃO ANTES DOS ANNALES

A história desde seus primórdios na Antiguidade[2], estava ligado aos grandes acontecimentos, as questões políticas e militares, em suma, se resumia aos grandes homens, e foi assim até o período do Iluminismo, quando houve uma contestação desta narrativa histórica. Um dos primeiros historiadores a ampliar o escopo da análise histórica foi Edward Gibbon, em sua obra, *Declínio e Queda do Império Romano*, no qual buscava integrar os acontecimentos políticos e narrativos com uma nova história sociocultural (BURKE, 1990). Outro historiador famoso, Leopold Van Ranke, apesar de duramente criticado posteriormente, não se deve esquecer seu olhar além da mera história política. Quando dizia que pretendia "contar os fatos tal como aconteceram", sua crítica era ao setor historiográfico que desejava "julgar a história"; e se referia a aqueles que buscavam utilizar a história como "mestra da vida", como foi concebido por Maquiavel, na sua visão de instruir para o futuro; além disso, tecia críticas aos romancistas históricos, que mais se preocupavam em idealizar a história por meio da arte literária (BARROS, 2012). Ironicamente, como aponta José Assunção de Barros que:

> Leopold von Ranke, sempre muito depreciado por Marc Bloch e Lucien Febvre, curiosamente o historiador alemão já parece beneficiar de uma imagem menos estigmatizada nos escritos de Fernand Braudel, que pelo menos uma vez o reconhece como um dos poucos "grandes espíritos" do século XIX. (BARROS, 2012, p.113)

Sendo os Annales um movimento francês, é indispensável falarmos sobre o cenário intelectual da época, no qual era composto por uma forte presença da escola durkheimiana, um ramo da sociologia que disputava espaço nas ciências humanas. Havia outros grupos, sendo os historiadores, compostos pelo "positivismo que aparecia, às vezes misturados com algum historicismo, na Escola Metódica Francesa" (BARROS, 2012, p. 63), e além do território francês, havia o Historicismo Alemão.

Os anos de 1920 até 1933 foram essenciais para a formação tanto de Bloch, quanto de Febvre. Neste período que ambos começam a ter um contato

[2] Para uma compreensão mais aprofundada sobre os gregos e sua concepção de História, ver A ideia da História do Colinwood.

maior na Universidade de Estranburgo, no qual foi decisivo para o desenvolvimento dos Annales. Depois da Grande Guerra, a cidade de Estramburgo havia sido desanexada da Alemanha, este local possibilitava um ambiente favorável ao esforço intelectual e o intercâmbio de ideias. “Após a Primeira Guerra, o governo francês se apressou em “ocupar” a Aslace-Loraine, profundamente alemã e, para isto, investiu recursos incomuns naquela universidade de província”. (REIS, 2000, p. 67) Os diferentes grupos que formavam a universidade permitiam um fluxo constante das mais diversas disciplinas, o que acarretou futuramente na interdisciplinaridade tão cara ao movimento dos Annales. Personalidades como o psicólogo social Charlees Blondel, exercendo influência em Febvre, e o sociólogo Maurice Halbwachs, chamando a atenção de Bloch para a estrutura social da memória. Outros foram responsáveis neste ambiente acadêmico de intenso debates de ideias, como Henri Bremond, inspirando Febvre no ramo da psicologia da história, e o historiador da Revolução Francesa Georges Lefebvre, que nutria um interesse pela história das mentalidades. (BURKE, 1990)

Como apontamos acima, os anos 20 foram de extrema importância para formação inicial dos Annales, mas devemos recordar o contexto pós-guerra que se encontrava o mundo. Uma nova onda de historiadores estava nascendo, e junto delas, vinha um discurso diferente da geração anterior, buscando ultrapassar o relato da história puramente nacionalista. O historiador francês, François Dosse, destaca que “todos desejavam reaproximar as humanidades, os povos, e uma nova finalidade aparece, portando, no discurso do historiador, o qual é então considerado como instrumento possível da paz após ter sido arma da guerra” (DOSSE, 1992, p. 23).

Os anos 30 são marcados por um profundo caráter de temas “anti”. Os Annales são fruto claramente desta época. A oposição sistemática contra a dita “história positivista”, a construção dos Annales é justamente uma postura de contestação da geração anterior, de Lavisse, Seignobos, Langlois. E a rejeição ao tema da política, que fica evidente no primeiro nome da revista, *Annales d´histoire économique et sociale,* sem fazer qualquer alusão ao tema, buscando uma abordagem mais ampla. Teve como base os *Annales de Géographie*, de Vidal de La Blache, desde seu planejamento, já tinha a ideia de ser algo além de

outra revista histórica. “Pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica”. (BURKE, 1990, p.36) A primeira edição da revista em 15 de janeiro de 1929 já:

> Trazia uma mensagem dos editores, na qual explicavam que a revista havia sido planejada muito tempo antes, e lamentavam as barreiras existentes entre historiadores e cientistas sociais, enfatizando a necessidade de intercâmbio intelectual. O comitê editorial incluía não somente historiadores, antigos e modernos, mas também um geógrafo (Albert Demangeon), um sociólogo (Maurice Halbwachs), um economista (Charles Rist), um cientista político (Andre Siegried, um antigo discípulo de Vidal de La Blache). (BURKE, 1990, p. 36)

Esta nova visão que os Annales deram a História talvez não fosse tão original quanto se pensa, ao analisarmos mais detalhadamente o período pós-guerra, podemos notar a influência dos sociólogos durkheminianos bem antes de Bloch ou Febvre, mas não podemos tirar os créditos dos dois, uma vez que foram eles os iniciadores, “resulta mais da maneira de afirmar seu programa do que o programa em si” (DOSSE, 1992, p.45).

Outras críticas eram direcionadas aos positivistas e ao historicismo por vários setores da historiografia. A corrente historiográfica americana do Presentismo, nas primeiras décadas do século XX, já levantava certas questões sobre a construção do tempo presente, apontadas pelo historiador Charles Beard (BARROS, 2012).

O papel desempenhado por Febvre foi um dos principais motores para a promoção dos Annales, as estratégias desenvolvidas por ele era utilizar uma tática de

> “dictomização entre duas “histórias” - uma *Nova História*, na representada por eles mesmos, e uma “velha história”, na qual enquadravam sob o rótulo de “história historizante” (…) também não eram os historiadores dos *Annales* os únicos interessados em renovar a História. Mas se interessava ao grupo dos annalistas valer-se desta “dicotomia útil” (BARROS, 2012, p. 96)

Contudo, às críticas ferrenhas proferidas por Lucien Febvre apresentam certas confusões que permanecem até hoje. Muitas vezes se confunde dois termos, que são tratados com o mesmo significado, porém são diferentes. A expressão “História Positivista” como “História Factual” acaba sendo usado como sinônimo, mas não são a mesma coisa. Provavelmente, foi por influência

dos diversos artigos publicados por Febvre contra os historiadores factuais, apelidados por ele de “positivistas”, que a palavra se popularizou com este sentido, tanto na Europa Mediterrânea, como no Brasil. O sentido empregado pela palavra “positivista” apresenta um caráter pejorativo, sendo que é utilizada para se referir a um “historiador factual” (BARROS, 2012).

Cabe ressaltar, que o positivismo

> Trata-se de um paradigma sociológico, filosófico e também historiográfico – um paradigma que se ampara em ideias e objetivos em torno da seguinte tríade: (1) busca das leis gerais que regeriam as sociedades humanas (herança da concepção iluminista); (2) aproximação metodológica e epistemológica entre Ciências Humanas e Ciências Naturais; (3) prédica de neutralidade absoluta do cientista social diante dos fatos que examina. Além disso, o Positivismo é assinalado por certas metáforas organicistas ou mecanicistas, pela adaptação aos objetivos ideológicos de “conciliação das classes sociais” (desarticulando a perspectiva revolucionária), por uma leitura mecanicista do progresso humano, entre outros aspectos – inclusive a possibilidade ou mesmo a necessidade de assimilar a pesquisa empírica, mas apenas como etapa prévia para a formulação de generalizações. O Positivismo, por isso, não pode ser confundido com “história factual”, que corresponde ao trabalho dos historiadores que pretendem apenas “expor fatos”. (BARROS, 2012, p. 93)

PRINCIPAIS ABORDAGENS DOS ANNALES

Ao analisarmos a revolução historiográfica proposta pelos Annales, podemos destacar cinco principais pontos: a História-problema, o fato histórico como construção, o novo conceito de fonte histórica, a história total ou global e a interdisciplinaridade. Iremos abordar cada um a seguir.

A HISTÓRIA-PROBLEMA

A História-problema talvez seja um dos principais pontos que surgiu com esta nova abordagem metodológica. A famosa frase de Seignobos, que sem documento não há história, será contra-argumentada por Febvre, que diz: sem problema não há história. Esta nova definição de história vinha justamente para contrapor a visão tradicional que se resumia a simples narração dos grandes eventos políticos, “simplesmente” narrar os fatos através dos documentos como uma mera descrição. Nessa concepção tradicional de história, a pré-história, conceito fortemente influenciado por esta visão limitada sobre a construção do saber histórico atrelado ao mero documento, não poderia ser estudada, uma vez que não há fontes escritas.

A história não nasce pronta, não há uma fórmula mágica que aparece nas mãos do historiador, a história “é o resultado de uma explícita e total construção teórica e não mais o resultado de uma narração objetivista de um processo exterior organizado em si” (REIS,2000, p. 74-75).

O rompimento com a antiga estrutura da produção historiográfica faz com que seja necessário o embasamento teórico. Febvre assim postula a sua concepção:

> Qualifico a história como um estudo cientificamente conduzido, e não como uma ciência (…) pela razão de falar de Ciências, é antes de tudo evocar a ideia de uma soma de resultados, de um tesouro, se quiserem, mais ou menos recheado de moedas, umas preciosas, outras não; não é acentuar o que é a força motora do sábio, isto é a Inquietação, o repor em causa não perpétuo e maníaco, mas pensado e metódico das verdades tradicionais (FEBVRE, 1995, p. 30)

Vale ressaltar alguns pontos importantes que não devem ser confundidos, apesar da crítica feroz contra a dita História Tradicional, o combate a história factual e a narrativa linear (BARROS, 2012), o próprio Febvre, sendo um dos fundadores dos Annales, utiliza certos aspectos políticos, mas de uma forma

problematizada, seu livro sobre Lutero possui elementos políticos, e uma grande figura da história, mas não como um fim em si mesmo, mas uma possibilidade de enxergar o social[3]. E na terceira geração dos Annales será retomada esta abordagem das grandes figuras, mas como uma problematização, sendo os exemplos mais clássicos a obra São Luís de Jacques Le Goff e Guilherme Marechal de George Duby.

O FATO HISTÓRICO COMO CONSTRUÇÃO

Não é possível compreender esta abordagem sem levarmos em conta a História-problema. Sendo a história construída pelas perguntas que o historiador faz, segue o mesmo esquema para o fato histórico. Com essa ampliação do escopo de observação, podemos notar que o fato histórico "bruto" não passa de uma criação do historiador. O simples acúmulo de dados não cria a história, mas a seleção de quem trabalha com eles.

A simples ideia de fatos "brutos" é uma impossibilidade, eles não existem. "Os ditos positivistas têm um respeito supersticioso do fato, alimentam um tipo de fetichismo do fato, mas estes são construídos sempre, mesmo se eles não se dão conta." (REIS, 2000, p.76)

Posteriormente, o filósofo francês Raymond Aron, também criticou esta postura do cientificismo "positivista" e "mostrou que a história "objetiva" revela sempre o lugar do filósofo do sujeito. Aron analisou a "dissolução do objeto" e mostrou a impossibilidade de uma "verdade" do que se passou". (REIS,2000, p.77)

O NOVO CONCEITO DE FONTE HISTÓRICA

A fonte histórica estava estritamente relacionada a questão documental, porém os Annales revolucionaram a forma de encarar o problema, a diversificação das fontes possibilita que o historiador amplie seu leque de análise. A fonte deixa de ser o simples documento de caráter oficial e passa a incluir outros elementos (manuscritos, impresso, arquitetônico, arqueológico, iconográfico, sonoro, fílmico, da cultura material etc.). Além disso, uma mesma

[3] A abordagem de Febvre em suas obras será analisada posteriormente num capítulo dedicado a ele.

fonte pode ser abordada de diversas maneiras, o documento só fornece respostas quando é questionado pelo historiador.

Essa ampliação só foi possível pela metodologia da história-problema, “pois não há a mais a “tirania” da heurística, mas a construção de problemas e hipóteses, no início da pesquisa.” (REIS, 2000, p. 78)

A HISTÓRIA TOTAL OU GLOBAL

O conceito de história total ou global é ambíguo, podendo abarcar tanto o sentido de “tudo e “todo”. No sentido de “tudo”, podemos considerar que não há mais um limite tão delimitado como a história tradicional, “tudo é história”, sendo sempre uma abordagem do historiador sob determinado problema. Já no segundo sentido, o “todo” refere-se a uma época, buscar conhecê-la por completo, porém isto seria uma contradição com a história-problema. Entretanto, há a possibilidade dessa dupla interpretação sobre a história total (REIS,2000).

Mesmo diante desta história de “tudo”, pode-se encontrar diferenças de historiador para historiador, tendo em vista, que há problematizações diferentes, hipóteses diferentes, uso diferente de documentação; mas

> essa diferença pode ser comunicada, se é racional, torna-se “conhecimento”. Weber já havia demonstrado, na “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, e em seus ensaios teóricos, que o conhecimento é sempre parcial, fruto de uma tematização de relações específicas. (REIS, 2000, p.79)

Já em relação ao “todo”, o historiador deveria buscar às partes que expressam a unidade do todo. Neste esforço intelectual, deveria-se “procurar, nas partes, a presença do todo, desse “fato global”, que liga todas as partes em uma totalidade”. (REIS, 2000, p.80).

Posteriormente, na década de 60, Michel Foucault discorrerá mais sobre a “história global”, proposta por Febvre e Braudel, entretanto sua opinião não é muito favorável a tal ideia, tendo em vista que:

> o projeto de uma história global é o da restituição do conjunto de uma civilização, do princípio de uma sociedade, da singnificação comum a todos os fenômenos de um período, da lei que dá conta de suas coesões, do “rosto” de uma época. Tal projeto pressupõe duas ou três hipóteses: 1 – dentre todos os fenômenos de uma área espaço-temporal, pode-se estabelecer um sistema de relações homogêneas; 2 – uma única forma de historicidade liga as estruturas econômicas, as estabilidades sociais, a inércia das mentalidades, os hábitos técnicos,

> comportamentos políticos e os submete ao mesmo tipo de transformações; 3 – a história pode ser articulada em grande unidades – estágios ou fases – que possuem nelas mesmos seus princípios de coesão (REIS,2000, p.80)

A INTERDISCIPLINARIEDADE

O projeto desenvolvido pelos Annales foi extremamente prudente na sua consolidação. A ideia de enfrentar diretamente a história tradicional e a antiga geração não eram possíveis por meios normais. Às influências desenvolvidas pela Universidade de Estamburgo foram de suma importância para esta nova abordagem. Com este arcabouço, os Annales se associaram a outras áreas como a economia, a sociologia e a geografia. Segundo Dosse:

> Mais do que um cartel, os Annales foram bem sucedidos no agrupar as ciências humanas por detrás de sua bandeira. (…) a relativização ou, pelo menos, a recusa do relato factual e do relato político. É a partir dessa recusa que os Annales se definem como escola, superando a diversidade de seus componentes. O adversário é sempre o mesmo: a história dita positivista" (DOSSE, 1992, p.58)

Tal ideia da interdisciplinaridade também aparece claramente nos artigos de Febvre, quando proclama a superação das barreiras entres às ciências, buscando:

> novas alianças entre disciplinas próximas ou longinquas; concentrar-em feixe sobre um mesmo assunto a luz de várias ciências heterogêneas: tarefa primordial, e sem dúvida a mais premetente e a mais fecunda das que se impõem a uma história impaciente com as fronteiras e as compartimentações. (FEBVRE, 1995, p. 24)

LUCIEN FEBVRE – UM COMBATENTE DA HISTÓRIA

Lucien Paul Victor Febvre, nasceu em Nancy, no ano de 1878. Filho de um professor universitário e filólogo, concluiu seus estudos na Escola Normal Superior de Paris, onde conheceu importantes nomes, como o geógrafo Paul Vidal de La Blache, o linguista Antoine Meillet e com os historiadores Chrisitian Pfister, Gabriel Mono e Gustav Bloch (pai de Marc Bloch). Além dessas influências, também teve a oportunidade de ouvir conferências do psicólogo Henri Bergson na Sorbone. Se destacou entre seus colegas pela amplitude dos interesses históricos e sua interdisciplinaridade na investigação histórica. (GURIÊVITCH, 2003)

A sua dissertação, enquanto jovem professor, já demostrava os interesses futuros de Febvre, seu estudo foi centrado em *Philippe II e Franche-Comté(*1911*)* e buscava compreender às "relações entre nobreza e a burguesia, o estilo de vida de ambos os grupos. Desse modo, já aí Febvre revela um interesse vivo pela psicologia social". (GURIÊVITCH, 2003, p. 5)

O cuidado de Febvre em especial ao meio geográfico natural e a interação do homem com ele é um dos traços marcantes de sua formação intelectual. Seu distanciamento do "determinismo geográfico", em oposição ao cientista alemão Fredrich Ratzel. Propunha uma análise centrada no aspecto da sociedade humana se adaptando ao ambiente natural, em contraposição a subordinação a ele. (GURIÊVITCH, 2003)

A atuação de Febvre pode ser dividida em dois grandes períodos, o primeiro correspondente aos anos anteriores à 1945, conhecido como "tempo de luta" e o segundo como "tempo de triunfo".

Os tempos de combate inicial travados por Febvre são marcados por uma ácida argumentação e ironia contra os seus adversários, que ficaram conhecidos como "historiadores historicizantes". Era necessário dar uma estrutura para os Annales em seus anos iniciais. Mesmo que não tivesse um aporte teórico definido, o essencial era a forma de construir o saber histórico. O estilo polemista de Febvre é indiscutível, e certamente foi decisivo para a sua atuação no meio intelectual da época. As provocações a Ranke e os seus discípulos eram ferozes,

criticava durante a ideia de conhecer os fatos em si mesmo, “como às coisas se passaram”[4]

Sua produção intelectual deixou importantes obras para o campo da historiografia, seus livros foram:

> Um destino, Martin Luther, Origènse e Des Périers ou o Enigma do Cymbalum Mundi, Em Torno de Heptaméron, o Amor Sagrado e o Amor Profano e antes de tudo O Problema da Descrença no século XVI: a Religião de Rabelais superaram em muitos os limites das biografias históricas ou ensaios de história da vida espiritual.” (GURIÊVITCH, 2003, p.8)

Para o nosso historiador francês, “a biografia intelectual não é outra coisa senão uma história da sociedade”. (GURIÊVITCH, 2003, p.8). A biografia ganha nas mãos de Febvre uma ampliação do personagem biografado, não se limita mais somente a uma única figura, mas busca compreender a relação dela com o meio social que a cerca. Não é o herói que faz a sua época, mas época que cria o herói. Segundo Peter Burke, às considerações sobre o estudo empreendido por Febvre acerca do Lutero são:

> que não se trata de uma biografia, mas da tentativa de resolver um problema a saber, “o problema da relação entre o indivíduo e o grupo, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social”. Constatou a existência, em 1517, de seguidores potenciais de Lutero, a burguesia de novo, um grupo social que adquiria “um novo sentido de importância social” e que facilmente se ressentia da intermediação clerical entre Deus e o homem, Mas ao mesmo tempo recusou-se a reduzir as ideias de Lutero a um reflexo dos interesses da burguesia (BURKE, 1990, p. 35)

A concepção histórica de Febvre era predominantemente marcada por um amor a sua profissão, como ele próprio confessa: “amo a história. Se não amasse não seria historiador” (FEBVRE, 1995, p.28). E este amor está especialmente ligado ao homem, no qual destaca a importância sobre a história. “História, ciência do Homem, ciência do passado humano. E não, de modo nenhum, ciência das coisas, ou dos conceitos” (FEBVRE,1995, p.23) Os fatos não têm valor algum isolados do homem, fatos humanos, estes sim. O verdadeiro objetivo da história segundo nosso historiador francês, não se resumia simplesmente

> a construção de fatos dispersos, subordinados a um esquema elaborado *a priori* pelos historiadores ou impostos a eles, e nem o estudo do passado como um “objeto” inerte, semelhante aos

[4] Já explicamos acima o real significado da frase atribuída a Ranke, entretanto a crítica que Febvre fazia se tornou célebre e ganhou repercussão.

> objetos das ciências naturais, mas um diálogo entre o pesquisador e o homem de outra época. (GURIÊVITCH, 2003, p.13)

A concepção histórica empreendida por Febvre buscava ir além do mero formalismo dos fatos, que era duramente criticado, para ele era inconcebível a noção de fatos brutos como um produto pronto e estático. Eles são sempre fruto de escolhas. Como ele mesmo ressalta em suas palavras:

> É-o, sobretudo, porque o historiador cria os seus materiais, ou se se quiser, recria-os: o historiador que não vagueia ao acaso pelo passado, como um trapeiro à procura de achados, mas parte com uma intenção precisa, um problema a resolver, uma hipótese de trabalho a verificar. (FEBVRE, 1995, p.19)

Podemos notar na abordagem histórica de Lucien Febvre uma abertura da relação entre homem-sociedade, o indivíduo não era encarado como fator único, por mais que exercesse um papel importante, não deveria ser analisado de maneira isolada do meio, tão pouco poderia perder a sua individualidade pelo grupo. Definido assim como um personagem histórico, que apresenta um desenvolvimento entre ele e o grupo. No seu livro sobre Lutero vemos claramente esta tentativa de apresentar o Reformador não como um personagem alheio a sua época, mas em contradições que moldaram as suas ações. Logo no início do livro vemos seus motivos para escrever sobre o tema: “Uma biografia de Lutero? Não. Uma opinião sobre Lutero, nada mais. (...) esse problema das relações entre indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social, que é talvez, o problema essencial da história”. (FEBVRE, 2012, p.11).

Se adentrarmos na produção historiográfica de Febvre, conseguiremos perceber mais claramente como funcionava a sua visão sobre história e como conciliava isso na sua pesquisa.

Quando inicia o livro sobre o reformador alemão, seu interesse não está tanto nas doutrinais do monge agostiniano, o que lhe cativa não são tanto suas ideias teológicas, mas a figura de Martinho Lutero enquanto um homem vivo. Suas paixões, seus desejos, sua força de vontade, os escrúpulos que o atormentavam durante sua vida no claustro. Era isso que interessava o nosso historiador, nada de simplificações maniqueístas, nada de uma revolta demoníaca ou um profeta libertador, sua busca é pelo Lutero de carne e osso, nos seus dilemas mais pessoais e profundos.

As 95 teses pregadas no Castelo de Wittenberg não são vistas como uma declaração de guerra por Febvre, em sua análise busca conceber um Lutero que lutava consigo mesmo. “Não foi de uma bula outorgando indulgências, entre dezenas de outras semelhantes, e sim do esforço interior de Martinho Lutero sobre Martinho Lutero que surgiu, já armado o protesto de 31 de outubro...” (FEBVRE, 2012, p.113)

Como menciona logo em seguida, a atitude de Lutero ao publicar as 95 teses é ao mesmo enviar cópias impressas para o arcebispo de Mogúncia, Albrecht de Brandeburgo, não como um ataque direto, mas sim uma advertência.

Não cabe aqui discutir os pormenores da Reforma Protestante, tão pouco apresentar outros pontos sobre este evento, por isso irei focar em alguns pontos cruciais, mas o que pretendo ressaltar é mais a concepção de Febvre acerca destes acontecimentos.

O estudo de Lutero não está separado da Alemanha, especificamente da Alemanha de 1517. Como é ressaltado, se havia algum país na Europa no início do século XVI propício a tais transformações, então este era o lugar. Quais motivos acentuavam tanto essas mudanças que iriam ocorrer? Como se encontrava aquela região? E como ela reagiria ao grito de Lutero? Eis a Alemanha de Lutero, local de “terras fortes, recursos materiais poderosos, cidades orgulhosas e esplêndidas; trabalho por toda a parte, iniciativa, riquezas; mas nenhuma unidade, moral ou política. Uma anarquia”. (FEBVRE, 2012, p.119)

O que faltava para este país era uma unidade, eis o essencial. Havia dialetos alemães em várias regiões. Não existia um rei como nos outros países europeus, a figura do imperador não passava de um nome, o império não tinha união entre os povos.

> Caminha-se então rumo a uma Alemanha principesca. Caminha-se apenas. Não tendo à frente um chefe soberano realmente digno do nome, a Alemanha parece tende a se organizar sob oito, dez chefes regionais, em Estados sólidos, bem administrados, sujeitos a uma única vontade. Essa organização, porém, não existe. Acima dos príncipes ainda há o imperador. Eles só são soberanos sob sua soberania, E abaixo deles, ou melhor, a seu lado, estão (para não mencionarmos os nobres indisciplinados e rapinantes) as cidades (FEBVRE, 2012, p.122)

O início do século XVI, na Alemanha, é marcado por uma forte presença da burguesia, os comerciantes começavam a ganhar muito dinheiro. Essa nova

classe que surgia vem com novos questionamentos contrariando os ensinamentos da Igreja. As velhas tradições de proibição de empréstimos a juros, de cobrar taxas, eram um forte empecilho para esse novo grupo. Porém, é necessário ressaltar às contrariedades na Alemanha, havia divergências entre os próprios alemães. Os camponeses, nobres e os padres não nutriam o mesmo sentimento por estes acontecimentos. Existia, claramente, uma distinção entre diferentes classes no início do século XVI.

Entretanto, podemos definir quais ideias tinha Lutero em 1517? Quais eram os seus planos ao pregar as 95 teses? Talvez não seja a melhor pergunta. O que caracterizava o Lutero de 1517 era justamente a falta de um plano. Entender a Reforma sem adentrar no íntimo Lutero é um erro, pois muitas vezes às ações tomadas por ele não tinham um caráter planejado.

A Alemanha também se aproveitava desta confusão toda causada entre Martinho Lutero e Roma. Uma voz contrária ao Papado, era um ponto importante para os interesses da burguesia alemã. A forte tendência anti-Roma era grande nos meios alemães, buscava-se na figura de Lutero um direcionador, um impulsionador para os interesses nacionais, com o intuito de enfraquecer o controle da Igreja nos interesses desta nova classe. Os homens desta época não enxergavam na figura de Lutero como nós temos hoje em dia; um teólogo analisa Lutero pela sua teologia, um historiador pela sua influência, mas o povo alemão via naquele monge agostiniano uma voz, esta mesma voz que desafiava os interesses de Roma, que lutava contra o papado e não se intimidava pelos poderosos.

É interessante notar como Febvre busca traçar um perfil para Lutero não distante da Reforma enquanto evento social, mas sem perder a individualidade do monge agostiniano.

O que cativa na biografia de Lutero não é tanto às ideias do Reformador, não é tão interessante saber qual “ideologia” ele tinha, mas buscar compreender a mentalidade. O historiador russo Guriêvitch faz uma distinção entre esses dois conceitos que podem elucidar melhor a explicação sobre o Martinho Lutero de Febvre.

> Porque a mentalidade, o modo de ver o mundo, de forma alguma é idêntica à ideologia, que opera com sistemas de pensamento arquitetados e em muitos aspectos, talvez no principal, continuam não sendo refletida e nem reveladas em termos

> lógicos. A mentalidade não são sistemas filosóficos, científicos ou estéticos, mas um nível de consciência social no qual o pensamento não está separado das emoções, dos hábitos latentes e dos procedimentos da consciência. (GURIÊVITCH, 2003, p.24-25)

O Lutero de Febvre é um Lutero cheio de vida. Não se torna um coadjuvante da Reforma, não perde a sua individualidade. O que seria da história se não fosse o homem o seu agente principal? É justamente “o homem, objeto da história, faz parte da natureza humana. É para a história o que a rocha é para o mineralogista, o animal para o biólogo, a estrela para o astrofísico: uma coisa a explicar” (FEBVRE, 1995, p.120)

Além disso, não podemos esquecer a interdisciplinaridade presente na concepção teórica de Febvre. A presença da psicologia em seus trabalhos é inegável. E essa capacidade de juntar vários ramos do saber na análise histórica e muito importante, devido a poli disciplinaridade traz um aporte teórico mais amplo e consequentemente marca um dos principais traços desenvolvidas pelos Annales.

O conceito de interdisciplinaridade mescla justamente com o conceito da ampliação do documento além do mero texto. Como diz Febvre em relação a análise documental: “Os textos, sem dúvida: mas todos *os textos.* E não só os documentos de arquivo em cujo favor se cria um privilégio (...). Mas, também, um poema, um quadro, um drama” (FEBVRE, 1995, p.24). E aponta a importância da ampliação da análise documental com outras áreas:

> Também os documentos, sejam de que natureza forem; os que há longa data se utilizam; e sobretudo os que o feliz esforço de disciplinas novas proporciona: disciplinas como a estatística; a demografia que substitui a genealogia, em toda a medida em que Demos substitui no trono os Reis e os Príncipes; a linguística, proclamando com Meillet que todo o facto de língua manifesta um facto da civilização; a psicologia ao passar do estudo dos indivíduos ao dos grupos e das massas, quantas mais?(...)novas alianças entre disciplinas próximas ou longínquas; concentrar em feixe sobre um mesmo assunto a luz de várias ciências heterogêneas: tarefa primordial, e sem dúvida a mais premente e a mais fecunda das que se impõe a uma história impaciente e com as fronteiras e as compartimentações. (FEBVRE, 1995, p.24)

Por mais que levantemos alguns pontos principais, a definição e limitação do quadro teórico utilizado por Febvre é complexa e difícil de delimitar. Uma vez que ele próprio definia a teoria como “uma construção do espírito que,

respondendo a nossa necessidade natural e imperiosa de compreender, se destina a fornecer-nos a uma explicação dos factos". (FEBVRE, 1995, p.64) E ademais, ele próprio não se enquadrava em nenhuma escola historiográfica, seja positivista, marxista, historicista ou outras. Definia em suas palavras

> Não tenho nenhuma escola...Porquê? Porque não exagerar a importância das fórmulas, porque não quis dominar nenhum espírito; pelo contrário, libertá-los – dar-lhes a força viva que faz julgar e encontrar. (...) Na história, viu só a história, mais nada. (FEBVRE, 1995, p.26)

MARC BLOCH – UM “BOM FRANCÊS”

Compreender o meio social em que estava inserido Marc Bloch é importante para entender as suas motivações e inspirações históricas. Nasceu em Lyon, no dia 6 de julho de 1876, filho de um professor universitário, Gustav Bloch. A figura paterna seria importante para o desenvolvimento e interesse do jovem Bloch, certamente foi uma influência na sua formação. Sem mencionar o passado da família, o seu bisavô havia servido como soldado no exército revolucionário em 1793. Esse caldo cultural da família Bloch impactou muito a sua pessoa, reconhecia tanto a tradição republicana e patriótica, como a acadêmica advinda de seu pai.

Seus estudos se deram na Escola Normal Superior (1904-1908) e o formação em história e geografia em Leipzig e Berlin (1908-1909), essas fases foram importantes na sua preparação para o Bloch medievalista que iria se tornar.

Alguns anos mais tarde, Marc Bloch participou ativamente da 1° Guerra Mundial no serviço militar, durante a sua estadia no exército logrou algumas condecorações de guerra, chegando à patente de capitão. É interessante notar a profundidade da análise sociopsicológica que desenvolvera. Após o fim da guerra Bloch publicou um artigo que buscava analisar os falsos rumores que percorriam a linha de frente; devido à forte censura militar, os combatentes muitas vezes ficavam sem ter informações escritas, isto acarretou um desenvolvimento maior dos sentidos primitivos, no qual, o clima do passado voltava à tona, a palavra escrita acabara tornando-se patrimônio de poucos.

Depois do fim da Grande Guerra, no ano de 1919, Bloch leciona na Universidade de Estrasburgo, local importantíssimo para a futura criação dos Annales, onde também se aproximou da figura de Lucien Febvre. A partir de 1936 foi professor de história econômica na Sorbone, ficando lá até o início da Segunda Guerra Mundial.

Como podemos notar, Marc Bloch teve uma vida cheia de influências culturais e mesmo sendo um historiador foi um homem do mundo, não se isolou na sua cadeira de professor assistindo o desenrolar do mundo, mas participou ativamente nos problemas que impactaram a sua vida e país.

Após esse breve panorama geral da pessoa de Marc Bloch, procuremos entender como ele desenvolvia o seu trabalho historiográfico. Iremos tentar identificar alguns traços fundamentais que caracterizam a sua abordagem histórica.

No seu livro, Os Reis Taumaturgos, como em A Sociedade Feudal, sua atenção estava voltada para a questão das representações coletivas, a história social de Bloch buscava analisar aquele mundo não somente por

> relações da posse de terra e do poder senhorial, das formas de dependência e de exploração fundiária; ela tampouco se limita ao estudo dos sistemas de agricultura e de uso da terra. Ela incorpora como componente inalienável a consciência humana, a mentalidade, e só através desta se torna compreensível e, ademais, adquire um verdadeiro sentido para o historiador. (GURIÊVITCH, 2003, p.42-43)

Podemos analisar isso claramente nas palavras escritas por Bloch em A Sociedade Feudal, no qual crítica veementemente a concepção de fantasmas teóricos como se o homem pudesse ser resumido a simples aspectos da sociedade. O problema da interpretação do feudalismo não se resume somente ao

> arcabouço de instituições que rege uma sociedade não poderia, em última instância explicar-se senão pelo conhecimento do meio humano como um todo. Isso porque a ficção do trabalho que, quanto ao ser de carne e sangue, nos obriga a conceber esses fantasmas - *homo oeconomicus, philosophicus, juridicus* - é certamente necessária, mas suportável apenas caso nos recusemos a nos deixar iludir por ela. (BLOCH, 2016, p.81)

Bloch busca respostas além da própria categoria de limitação, como é apresentado por Guriêvitch, a interpretação do surgimento dos moinhos à água é vista não por uma ótica tecnicista, como uma simples evolução técnica,

> mas no campo das diretrizes mentais e da estrutura social. Enquanto não cessou o afluxo de força e trabalho escrava e barata e não houve uma redução da população, ninguém esteve interessado em substituir o trabalho manual dos escravos por dispositivos mecânicos (GURIÊVITCH, 2003, p.43)

A invenção dos moinhos é observada pela mudança da estrutura social advinda da expansão do cristianismo e a relação entre liberdade e escravidão que não era tão clara na Antiguidade, no qual impossibilitava uma melhora na técnica, não tanto pelo novo conhecimento, mas sim pela nova estruturação da sociedade feudal com base nos valores cristãos.

É interessante notar que a investigação histórica aplica por Bloch busca compreender a sociedade feudal não como um bloco monolítico sem divisões e estruturas, de maneira alguma é o objetivo do nosso historiador francês. A "civilização feudal" seria um erro, pois podemos destacar duas idades "feudais" com diferentes contrastes.

Partindo da análise da Primeira Idade Feudal, notamos alguns traços para se compreender aquela época; podemos perceber que o deslocamento e transporte era algo difícil e lento. Muitas vezes se recorria ao uso de cavalos ou mulas, tanta pela velocidade, como devido ao desnível dos trajetos. Não havia maneira de nenhuma instituição governar aquela sociedade sem ter o contato diretamente humano com as pessoas.

As trocas comerciais existiam, principalmente com a Espanha Muçulmana, que era um importante local de fluxo cultural e econômico. Mas como explicar esse fluxo comercial na sociedade feudal? Como era realizados as trocas? E a circulação monetária? Realmente existia uma economia natural como se costuma dizer? Bloch apresenta uma resposta para essas perguntas:

> a expressão "economia natural", demasiadamente sumária e vaga. Melhor falar simplesmente carência monetária. (...) O ouro circulava apenas sob a forma de moedas árabes e bizantinas ou de suas cópias. (...). Mas os diversos dinheiros tinham, sob o mesmo nome, um valor metálico, segundo sua providência. Pior, em um mesmo local, cada emissão, ou quase, acarretava variações no peso ou aliagem. Rara, no geral, e, ao mesmo tempo, incômoda em razão de seus caprichos, a moeda circulava, além disso, lenta e irregularmente demais para que se pudesse ter certeza de poder adquiri-la em caso de necessidade por falta de trocas suficientes frequentes (BLOCH, 2016, p.88)

A economia na sociedade feudal tinha a sua importância, mas tampouco era o ponto principal, "a sociedade da época não ignorava, por certo, nem a compra, nem a venda. Mas ela não vivia, tal como a nossa de compra e venda". (BLOCH, 2016, p.88)

Além disso, podemos perceber que a carência monetária exigia outras soluções para a remuneração que não fosse uma soma de dinheiro. Entre as alternativas desenvolvidas, podemos destacar:

> acolher o homem em sua casa, alimentá-lo, vesti-lo e fornecer-lhe, como se dizia, a *provende* [provisão de víveres]; ou então ceder-lhe, em troca de seu trabalho, uma terra que, pela exploração direita ou sob forma de tributos cobrados sobre os

> cultivadores do solo, lhe permitisse atender, por si próprio à sua própria conservação. (BLOCH, 2016, p.89)

Como apontamos algumas características presentes na Primeira Idade Feudal, buscaremos traçar algumas modificações que aconteceram na Segunda Idade Feudal.

O transporte que era precário consegui algumas melhorias, devido ao aumento do número de pontes no século XII possibilitando uma circulação mais rápida e um maior rendimento no transporte por carros. Porém não só nesta área que teve um desenvolvimento, os tecidos desempenharam uma forte ampliação do mercado e um aumento da economia. Tampouco devemos pensar que isso se aplica a toda sociedade, grande parte permaneceu na subsistência dos próprios recursos. A circulação monetária teve um aumento no século XIII, principalmente na região da Itália que a cunhagem de moedas era maior. E as relações humanas começaram a se expandir, a classe artesã e mercadora tiveram um aumento no século XII nas regiões urbanas.

Bloch busca compreender esses processos históricos como uma junção de vários aspectos. A economia não deve ser vista isolada do meio social, assim como a própria formação dos povos da Europa e as influências que cada um recebeu. Na observação proposta por Guriêvitch, o diferencial de Bloch está na

> sua originalidade principal consiste em que a sociedade feudal está aí desenhada –- pela primeira vez na ciência –- não só como um regime de instituições agrárias, militares e jurídicas, mas também sob a forma de um organismo vivo, no qual as relações sociais e econômicas se entrelaçam com as relações do plano psicossocial e político. Por isso, o seu estudo requer a incorporação, além de cadastros econômicos, dos registros dos costumes feudais e dos tratados e de outras fontes jurídicas, bem como dos monumentos da literatura, da epopeia, dos cantos heroicos, da crônica, das lendas genealógicas. (GURIÊVITCH, 2003, p.49)

Essa abordagem está intimamente relacionada a um dos aspectos fundamentais desenvolvidos pelos Annales, a ampliação da fonte histórico, indo além do mero documento oficial.

Ademais, as investigações propostas por Bloch estavam muito além do habitual para a sua época. No livro, A Sociedade Feudal, tem um capítulo inteiramente dedicado aos modos de sentir e de pensar. Pensar na mentalidade não como um mero complemento da análise social, mas entender isso como

uma característica fundamental que integra a própria estrutura fundamental da realidade.

O que interessa nosso historiador francês é a compreensão do mundo feudal, justamente o que ele defende na sua célebre obra a Apologia da História:

> Uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: "compreender". Não digamos que o historiador é alheio às paixões; ao menos, ele tem esta. Palavra, não dissimulemos, carregada de dificuldades, mas também de esperanças. Palavra, sobretudo, carregada de benevolência. Até na ação, julgamos um pouco demais. É cômodo gritar "à forca!". Jamais compreendemos o bastante (BLOCH, 2002, p.128)

Podemos perceber que o seu olhar para a questão do tempo na sociedade feudal, a noção de temporalidade está muito mais associada ao tempo natural do que propriamente a “mercantilização do tempo” que irá surgir na modernidade. Como Bloch ressalta, “as ampulhetas parecem ter sido de uso pouco corrente. A imperfeição dos relógios de sol, sobretudo sob os céus facilmente nublados, era flagrante”. (BLOCH, 2016, p.94)

A linguagem é um tema abordado por nosso historiador, o latim, considerado a língua da cultura em contraposição aos idiomas de uso cotidiano, esse dualismo presente no feudalismo. “O latim não constituía apenas a língua veicular do ensino, era a única língua ensinada”. Isso foi muito útil para o fluxo internacional e educacional na Europa medieval, sendo o latim uma forma de comunicação universal.

O catolicismo penetrava a sociedade feudal, mas não na sua plenitude, sempre chegava de forma incompleta. A má formação do clero, onde muitas vezes os padres não tinham a instrução necessária para exercer seu ministério, as pregações não eram realizadas constantemente e carecia de instrução para o povo. Citando Bloch, “em 1031, não foi o Concílio de Limoges obrigado a erguer-se contra o erro que pretendia reservar a pregação aos bispos, embora estivessem impedidos de evangelizar sozinhos toda a sua diocese?”. (BLOCH, 2016, p.101)

A religião assumia uma máscara para aquela sociedade, a concepção de mundo sensível apenas como uma expressão das verdadeiras coisas, e devemos ter em conta a linguagem se expressava através de signos uma realidade mais profunda.

Mas o que falar de uma sociedade em que sua maioria era composta por pessoas analfabetas? A análise de Bloch traz uma reflexão por meio da memória coletiva, desta maneira busca captar como o povo se comunicava e compreendia o mundo. Por meio dos relatos épicos e epopeias eram transmitidos os ensinamentos. É difícil classificar exatamente a data que elas surgiram, mas podemos citar três que influenciaram muito, a Canção de Rolando [Chanson de Roland]; a Canção de Guilherme [Chanson de Guillaume]" e a Gorno e Isembardo [Gormont e Isembart].

As "gestas" épicas não eram lidas, mas sim declamadas ou salmodiadas. Passavam de castelo em castelo, ou em praças e eram recitadas pelos menestréis. Normalmente, os menestréis usavam registros de canções de outros e reproduziam com modificações, muito da literatura medieval foi sendo transmitida através da tradição oral.

É interessante, pois o que antes não era visto como uma forma de documentação, no caso poesia e música, passa a ser analisada para compreender mais a fundo aquela sociedade. "Na verdade, a concepção de vida que as gestas expressavam apenas refletida, sob muitos aspectos, a de seu público: em toda literatura, uma sociedade sempre contempla sua própria imagem." (BLOCH, 2016, p.118)

Os trabalhos de Bloch enfatizam esses aspectos socioculturais, por isso não vemos em suas obras algo relacionado a política num sentido isolado. A escolha da orientação intelectual era em rejeição a famosa "história-relato", que buscava focar nos grandes feitos e principais acontecimentos sem aprofundar no restante da estrutura social, certamente é um dos paradigmas dos Annales essa recusa a história política tradicional. Não que fosse contra a política em si, mas entender a esfera política da história relacionada a um contexto social mais amplo.

O diferencial para a compreensão histórica segundo Marc Bloch está na inserção do social em relação ao individual, lembremos em seus escritos quando busca definir o que é a história, não se limitando apenas a figura do homem no singular, mas sim "ciência dos homens no tempo".

Definindo dessa maneira, podemos notar que a fala de Guriêvitch sintetiza bem esse pensamento sobre Bloch: "a tarefa primordial do historiador das instituições jurídicas é procurar ver por trás delas as reais demandas sociais e

as mudanças das relações sociais que essas instituições e normas refletem.” (GURIÊVITCH, 2003, p.52)

O interessante é a diferenciação da abordagem dos dois fundadores dos Annales, Bloch, um historiador social que busca enxergar na categoria essencial para a análise histórica o conceito de “sociedade”, enquanto Febvre está centrado na questão da “civilização”. Mas iremos diferenciar isso mais adiante.

Aprofundando mais ainda o pensamento de Bloch, podemos levantar algumas questões importantes para compreender sua estrutura metodológica e histórica. Os fatos isolados e as instituições não têm um valor para Bloch quando não estiver devidamente articulada, o importante para a compreensão histórica é saber como “os sistemas integrais, os conjuntos sociais em que essas instituições estão inseridas e dos quais elas ganham o seu sentido”. (BLOCH, 2016, p.58). É um erro querer entender o Feudalismo como algo separado, ou se vê por uma ótica econômica, religiosa, política ou social, mas antes de tudo deve ser analisado como uma junção de tais aspectos, um sistema todo interligado.

A crítica de Bloch aos antigos historiadores é justamente a inovação que os Annales terão. Não se faz mais história “lendo” os documentos como mero ato de mediação entre a fonte e o leitor, mas o fato de saber questionar a própria documentação. Em suas próprias palavras:

> O historiador não é, é cada vez me nos, esse juiz um pouco rabugento cuja imagem desabonadora, se não tomarmos cuidado, é facilmente imposta por certos manuais introdutórios. Não se tornou, certamente, crédulo. Sabe que suas testemunhas podem se enganar ou mentir. Mas, antes de tudo, preocupa-se em fazê-las falar, para compreendê-las. É uma das marcas mais belas do método crítico ter sido capaz, sem em nada modificar seus primeiros princípios, de continuar a guiar a pesquisa nessa ampliação. (BLOCH, 2012, p.95-96)

E essa abordagem irá fazer com que a documentação mesmo que sendo falsa, seja utilizada para compreender o processo histórico. Uma vez que toda falsificação busca esconder uma verdade por trás da mentira.

> Um pretenso diploma de Carlos Magno revela-se, ao exame, como forjado dois ou três séculos mais tarde? Pode-se apostar mesmo que as generosidades com as quais qualifica a honra ao imperador foram igualmente inventadas. Porém, nem isso poderia ser admitido previamente. [Pois] certos atos foram fabricados com o único fim de repetir as disposições de peças perfeitamente autênticas, que haviam sido perdidas.

> [Excepcionalmente, uma falsificação pode dizer a verdade.] (BLOCH, 2012, p.96-97)

Aliás, não podemos de entender toda essa sede de Bloch com a compreensão dos homens, sem entender sua crítica ao isolamento do trabalho intelectual. Ele criticava veementemente toda essa ladainha de *"homo religousus, homo oecnomicus, homo politicus",* não fazia sentido querer separar a análise histórica em pequenas parcelas distintas, isso tudo são "fantasmas cômodos, com a condição de não se tornarem um estorvo. O único ser de carne e osso é o homem, sem mais, que reúne ao mesmo tempo tudo isso". (BLOCH, 2012, p.132)

Para ele, o importante era ter essa articulação entre os diferentes saberes,

> os historiadores deviam colaborar com geógrafos e economistas, com sociólogos, etnólogos, psicólogos, teóricos da arte, linguistas e historiadores da literatura, historiadores da ciência e da técnica e estatísticos. Era necessário estudar a história do homem sob os mais diversos pontos de vista, mas, segundo o pensamento de Bloch, antes de tudo sob o ponto de vista econômico e social, com o fim de obter uma síntese ampla. (GURIÊVITCH, 2003, p.75)

Infelizmente, durante a ocupação nazista na França, foi forçado a se retirar da revista dos Annales por ser judeu, entretanto continuou a publicar cladestinamente sob o pseudônimo de M.Fujer. Isso gerou alguns debates entre os fundadores, Febvre, que defendia a publicação da revista, mesmo com a exclusão de Bloch do número de redatores; já Bloch ia em posição contrária, mas acabou aceitando esta condição.

Durante a Segunda Guerra, Bloch participou ativamente do conflito, lutou ao lado da Resistência, e se destacou muito, chamando atenção dos seus colegas de farda. Mesmo sendo um homem mais velho, a sua organização e destreza eram ímpares. Como mostra Guriêvitch:

> Os companheiros de luta não conheciam a sua profissão civil, mas ficavam maravilhados com a bravura, o jeito metódico e a organização desse homem móvel, não alto, cujos olhos brilhavam maliciosamente atrás dos grandes óculos. E nem nesse período Bloch abandonou a pena. (...) escritos do Bloch-combatente da Resistência: um poema satírico, que ridicularizava um general fracassado (GURIÊVITCH, 2003, p.80-81)

O desfecho final de Bloch não foi tão feliz, capturado pela Gestapo em março de 1944, resistiu bravamente sem revelar os nomes ou lugares de seus

companheiros. Morreu fuzilado em 16 de junho, próximo a Lyon, junto a outras patriotas.

Bloch foi historiador, mas jamais deixou o seu presente de lado, pois concebia a história como “ciência dos homens no tempo”. Viveu fazendo o que amava e morreu por aquilo que acreditava. Ele mesmo nos relata:

> Sou judeu, se não pela religião, que não pratico, aliás como nenhuma outra, ao menos por nascimento. Não tiro disso nem motivo de orgulho nem de vergonha, sendo, espero, um historiador suficientemente bom para não ignorar que as predisposições raciais são um mito e que a própria noção de raça pura é um absurdo particularmente flagrante, quando pretende se aplicar, como aqui, ao que era na realidade um grupo de fiéis outrora recrutado em todo o mundo mediterrâneo, turco-cazaque e eslavo. Só reivindico minha origem num único caso: diante de um antissemita (BLOCH, 2011, p.9-10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa investigação dos dois fundadores dos Annales, podemos perceber o quão estratégicas foram as ações tomadas por ambos. Souberam aproveitar o momento histórico em que estavam inseridos. A Universidade de Estranburgo foi um espaço fundamental para os debates entre diferentes disciplinas, que iriam impactar profundamente a visão dos Annales sobre a interdisciplinaridade. Conseguiram explorar muito bem as novas abordagens em detrimento do antigo modelo de se fazer história focando nos grandes líderes e acontecimentos políticos como uma visão total da investigação histórica. Apresentaram novas formas de trabalhar as fontes, não se restringindo aos documentos oficiais, mas ampliando o leque do conhecimento histórico a outros objetos; a diversificação das fontes, entre elas manuscritos, a arquitetura, arqueológico, iconográfico, sonoro, fílmico, da cultura material etc. Chamaram a atenção para a construção do fato histórico como uma escolha do historiador, e não um processo meramente pronto. A busca por uma história total, tentando embarcar todos os aspectos de uma sociedade e não focando só em um elemento. Bloch soube utilizar muito bem isso na elaboração de A Sociedade Feudal, tentando compreender os pormenores daquela sociedade pelos mais variados pontos. E o conceito mais famosos dos Annales, a história problema, que buscava não somente narrar os “fatos”, mas problematizar uma questão por meio das fontes disponíveis, sejam elas fontes materiais ou imateriais, a história se faz com documentos, quando existem, mas não se pode limitar o conhecimento histórico somente a eles.

O papel do Febvre foi fundamental para ganhar espaço no meio acadêmico, com seu estilo agressivo e combativo soube trabalhar e explorar as questões levantadas pelos Annales para defender a sua causa. Algumas vezes excedendo na adjetivação dos seus adversários, o que causaria uma certa confusão, mas os seus artigos sobre as reflexões históricas foram fundamentais para dar corpo aos Annales.

Já Bloch, que infelizmente morreu cedo devido a 2º Guerra Mundial e não pode desenvolver muito do seu trabalho; entretanto o seu livro, que se tornou um clássico, A apologia da História, mesmo sendo uma obra inacabada foi um

baluarte para os Annales, impossível dissociar um do outro. Esta obra pode ser considerada como um manifesto dos Annales, mesmo que inconscientemente.

Por mais que os interesses de Lucien Febvre, um historiador da modernidade e com um enfoque em grandes personagens da história para se aprofundar no conhecimento da época; e Marc Bloch, um medievalista que buscava enxergar todos os traços da época por meio das mais diferentes visões no campo do conhecimento histórico, não podemos negar a contribuição que ambos deram para a historiografia, cada um em sua respectiva área de interesse soube trabalhar e aplicar os novos conceitos propostos pelo Annales, como mostramos nos capítulos específicos dedicados a cada um dos historiadores.

Portanto, podemos observar que os Annales só podem ser entendidos quando voltamos o olhar para os seus fundadores, não existe Lucien Febvre e Marc Bloch sem os Annales, assim como não podemos compreender os Annales sem entender as motivações e interesses que regiam cada um dos dois historiadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D´Assunção. **Teoria da História – Volume I:Princípios e conceitos fundamentais.** 5.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

BARROS, José D´Assunção. **Teoria da História – Volume V: A Escola dos Annales e a Nova História.** Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BARROS, José D´Assunção. **Teoria e Formação do Historiador**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro., Zahar, 2002.

BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. 1.ed. São Paulo: Edipro, 2016.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A revolução francesa da historiografia.** 2.ed. São Paulo: Editora Unesp,1990.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CARR, Edward Hallett. **Que é história?** 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COLLINGWOOD, Robin George. **A ideia de História.** 5.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

CRUZ, Juan Cruz. **Filosofia da História**. 2.ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio (Ramon Llull), 2007.

DE LUCA, Tania Regina. **Práticas de pesquisa em história**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

DOSSE, François. **A história em migalhas: dos annales à nova história.** Campinas: Editora Ensaio, 1992.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Editora Presença, 1995.

FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino.** São Paulo: Três Estrelas, 2012.

GURIÊVITCH, Aaron. **A síntese histórica e a escola dos anais**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HUGHES, Glenn. **Transcendência e História: a busca por ultimidade das sociedades antigas à pós-modernidade.** Campinas: Editora Danúbio, 2019.

MANIERI, Dagmar. **Teoria da História: a gênese dos conceitos.** Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do Quixote**. 1.ed. Campinas: Vide Editorial, 2019.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales – A inovação em História**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.